

Emma Watson - HeForShe

Hoje, nós estamos lançando a campanha “HeForShe” (ElePorEla). Eu estou aqui porque preciso da sua ajuda. Nós queremos acabar com a desigualdade de gênero - e para fazê-lo, precisamos do envolvimento de todo mundo. Esta é a primeira campanha da ONU deste tipo: nós queremos tentar atrair o maior número possível de meninos e homens para que eles sejam porta-vozes da equidade de gênero. E não queremos só falar sobre isso, queremos ter certeza que vai acontecer.

Eu fui indicada para ser embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres, há 6 meses, e quanto mais eu falo sobre feminismo mais eu me deparo com a realidade de que lutar pelos direitos das mulheres, muitas vezes, vira sinônimo de guerra dos sexos. Isso, com certeza, tem que acabar.

Quero deixar claro que, por definição, feminismo é “a crença de que homens e mulheres devem ter direitos e oportunidades iguais. É a teoria da igualdade dos sexos nos planos político, econômico e social”.

Comecei a questionar os preconceitos de gênero há muito tempo. Aos 8 anos, eu fui confundida e classificada como “mandona” porque eu queria dirigir os teatrinhos que preparávamos para os nossos pais, porém os meninos com a mesma atitude não eram considerados “mandões”. Aos 14 anos, passei a ser sensualizada por alguns membros da imprensa. Aos 15 anos, minhas amigas começaram a parar de praticar seus esportes preferidos para que não criassem músculos. Aos 18 anos, meus amigos eram incapazes de expressar seus sentimentos.

Eu decidi que era feminista e isso se deu de forma natural. Mas diante de algumas pesquisas recentes, percebi que feminismo era considerada uma palavra pouco popular. Mulheres escolhem não se identificar como feministas.

Aparentemente, estou classificada como parte do grupo de mulheres que expressa opiniões vistas como fortes demais, agressivas demais, de isolamento, anti-homens e pouco atraentes. Por que essa palavra causa tanto desconforto?

Eu sou britânica e acredito ser direito uma mulher receber um salário igual ao colega que exerce a mesma função. Eu acho correto que eu possa tomar decisões sobre meu próprio corpo. Eu acho correto ter mulheres envolvidas, como minhas representantes nas áreas políticas e nas decisões que influem sobre a minha vida. Eu acho correto que, socialmente, receba o mesmo respeito que os homens. Porém, é com tristeza que posso afirmar que não existe um só país no mundo onde todas as mulheres possam esperar ter todos estes direitos. Nenhum país do mundo pode dizer que alcançou a igualdade entre os sexos.

Esses direitos iguais considero como sendo direitos humanos. Porém, devo admitir, sou uma pessoa de sorte. Tenho uma vida privilegiada porque minha mãe e meu pai não me amaram menos porque sou filha. Minha escola não limitou minhas oportunidades porque eu sou menina. Minhas mentoras e mentores não tiraram a suposição de que eu seria menos bem sucedida pelo fato de poder me tornar mãe um dia. Todas estas pessoas foram embaixadoras da igualdade de gênero na minha vida e me ajudaram a me tornar a pessoa que sou hoje. Talvez elas nem saibam que são feministas inadvertidas e inadvertidos que mudam o mundo de hoje. E precisamos, justamente, de mais pessoas assim.

E para você que ainda odeia a palavra: não é a palavra que importa, e sim a ideia e a ambição por trás dela. Porque nem toda mulher teve a sorte de ter os mesmos direitos que eu tive. Na verdade, muito poucas tiveram.

Em 1995, Hilary Clinton fez um discurso muito famoso em Pequim sobre direitos das mulheres. Infelizmente, muito do que ela queria mudar, continua igual até hoje. Mas o que mais me chamou atenção foi que somente 30% da audiência era composta de homens. Como podemos mudar esta situação se somente metade das pessoas do mundo é convidada ou se sente à vontade para participar desta conversa?

Homens, gostaria de aproveitar essa oportunidade para fazer um convite formal para que vocês façam parte dessa conversa, afinal, a igualdade de gênero é o problema seu também. Porque até hoje, vejo que o papel do meu pai como educador é visto socialmente como menos importante, apesar de toda criança precisar tanto de um pai quanto de uma mãe. Eu vejo moços jovens sofrendo de doenças mentais e sendo incapazes de pedir ajuda para não parecerem menos “machos” - na verdade, no Reino Unido, suicídio é a maior causa de morte de homens entre 20 e 49 anos, deixando para trás acidentes de trânsito, cânceres e doenças coronárias. Tenho visto homens frágeis e inseguros por um entendimento distorcido do que é ser um homem de sucesso.

Homens também não têm os benefícios da igualdade de direitos. Não falamos muito sobre a prisão que é viver os estereótipos de gênero impostos aos homens, mas percebo que o dia em que o homem se livrar disso, as mudanças para as mulheres serão simplesmente uma consequência natural. Se homens não precisarem ser agressivos para serem aceitos, mulheres não sentirão a obrigatoriedade em ser submissas. Se os homens não precisarem estar no controle, mulheres não precisarão ser controladas.

Ambos, homens e mulheres, deveriam ser livres para serem sensíveis. Ambos, homens e mulheres, deveriam ser livres para serem fortes.

Este é o momento de mudarmos a nossa percepção e considerarmos o gênero como um espectro e não como dois ideais que se opõem. Se pudermos parar de nos definir pelo que não somos, para nos definir por quem somos, todas e todos poderemos nos sentir mais livres e isto é o que a campanha HeForShe defende. Esta campanha é sobre liberdade.

Eu quero que todos os homens façam parte da campanha para que suas filhas, irmãs e mães possam se livrar também desse preconceito, além de permitirem que seus filhos sejam mais vulneráveis, mais humanos, e possam recuperar essas partes deles que abandonaram. Sendo assim, poderão se tornar uma versão mais verdadeira e mais completa de si mesmos.

Você pode estar pensando: Quem esta garota do Harry Potter pensa que é? E por que ela está discursando em nome da ONU? Acredite, essa é uma ótima pergunta! Eu me perguntei a mesma coisa e nem sei se sou qualificada para estar aqui. Só sei que eu me importo com essa situação. Quero fazer algo para que isso melhore. E tendo visto o que vi - e ter tido esta oportunidade - me sinto no dever de falar algo a respeito. E como disse o estadista inglês Edmund Burke: "Tudo o que o mal precisa para triunfar é que homens e mulheres de bem não façam nada contra ele".

E mesmo nos momentos em que duvidei do meu discurso e do direito de estar aqui, fui firme comigo mesma e pensei: Se eu não o fizer, quem o fará? E se não for agora, será quando? Se você tem as mesmas dúvidas frente às oportunidades que aparecem na sua vida, espero que essas palavras possam te ajudar. Porque a realidade é que se não fizermos nada vai demorar 75 anos, ou quando eu estiver com quase 100, antes que uma mulher possa receber um salário equiparado, 15,5 milhões de meninas ainda crianças se casarão nos próximos 16 anos. E neste passo, meninas africanas da zona rural só terão direito ao estudo em escola secundária em 2086.

Se você acredita em igualdade, você talvez seja um daqueles feministas inadvertidos do qual falei mais cedo. E por isso, eu te aplaudo! Estamos lutando por uma palavra de união, e a boa notícia é que agora temos um movimento de união. Ele se chama HeForShe. E te convido a ser mobilizar, a ser visível. E se pergunte: Se eu não o fizer, quem o fará? E se não for agora, será quando?

Obrigada.